

Suplemento de Património

Mensal | Ano 12 | N.º 82 | distribuição gratuita | Revista Municipal

A Vila de Lousada no bilhete-postal ilustrado nos finais da I República (parte 2)

Cristiano Cardoso¹ e Luís Sousa²

Intróito

No suplemento de Dezembro de 2010, da Revista Municipal nº 81 (série 3, ano 11), prestamo-nos ao começo da iniciativa de divulgar os bilhetes-postais ilustrados editados durante a I República. Como demos conta, o agrupado de postais compreende a colecção de 15 imagens que retratam um espaço temporal concreto, não aquele aqui considerado, mas o que achamos corresponder ao intervalo editorial dos mesmos, isto é, entre 1924 e os inícios dos anos de 1930. Na Parte 1 do artigo a que demos o título – *A Vila de Lousada no bilhete-postal ilustrado nos finais da I República*, foram patentes ao leitor 7 postais, concluindo-se este dever de chegar ao conhecimento de muitos com mais 8, dando-se por concluída a vulgarização nestas páginas do bilhete-postal lousadense na I República.

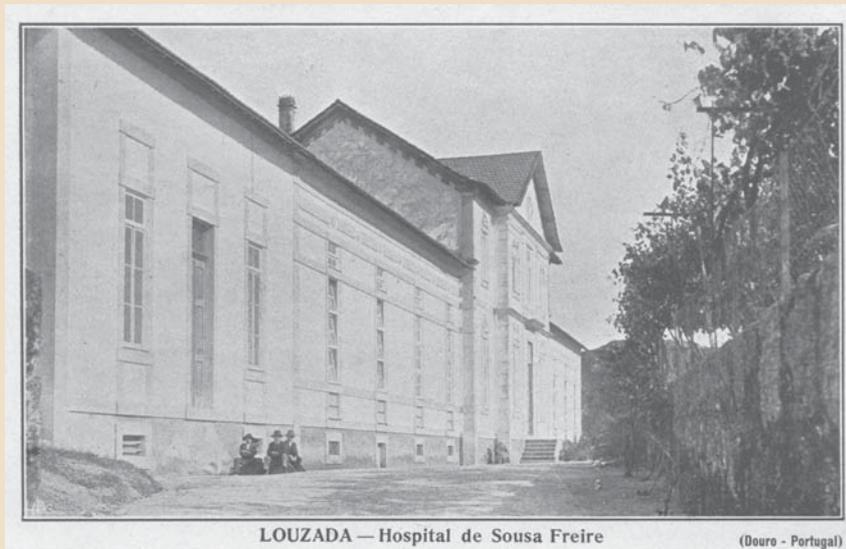
Dissemos no boletim referido que *o postal ou bilhete-postal ilustrado é, na sua essência, uma verdadeira janela aberta para o Passado*. Todavia, a imagem em si tem uma importância contingente, marcada por diversos factores, desde logo reflectida na inerente distância quase secular das representações. Foi adentro deste espírito escancarado do conhecimento, que a mente impeliu que abrissemos esta janela para o Passado, porém, com a devida ressalva de incluir notas explicativas e interpretativas dos factos retratados. Esperamos tê-lo conseguido!

Fig. 8 - Hospital Sousa Freire

O mentor do Hospital de Lousada foi Manuel Peixoto de Sousa Freire, senhor da Quinta da Tapada, em Casais. No seu testamento, redigido a 14 de Julho de 1895, destina 40 contos para a construção e implementação do hospital, encarregando a sua herdeira universal, Albina Peixoto de Sousa Freire, sua irmã, de disponibilizar as verbas em 3 tranches após a sua morte. Para além de garantir a edificação, Sousa Freire também deixou disposições muito claras relativamente à gestão e fiscalização das obras, ao emprego de capitais e à administração, afirmando a vontade de que se constituísse uma comissão para esse efeito. Esta comissão era composta pelas

mais proeminentes personalidades locais, que o próprio testador escolheu: Conde de Alentém, Manuel Elisiário Ribeiro Peixoto, Luís Otto Burmester, Doutor Luís Pinto Coelho Soares de Moura, Antero Augusto da Silva Moreira, Doutor Adriano de Magalhães Barros, Doutor José Camilo A. Teixeira de Carvalho, José Luís da Silva, Padre Francisco Ferreira e Padre António Ventura. Apesar do portentoso legado foi necessário realizar algumas colectas para o equipamento hospitalar ao longo da segunda década do séc. XX. A 18 de Abril de 1920 a administração do hospital foi definitivamente entregue à Santa Casa da Misericórdia de Lousada.

Nota: No Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal do mês de Novembro de 2010 (Ano 11, nº 80), induzidos em erro por indicação popular e cartográfica, enquadrámos o Outeiro de Cimo de Vila, local para onde é apontada a possível existência de uma estrutura defensiva tipo “mota”, na freguesia de Caíde de Rei, localizando-se aquele espaço efectivamente na vizinha freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

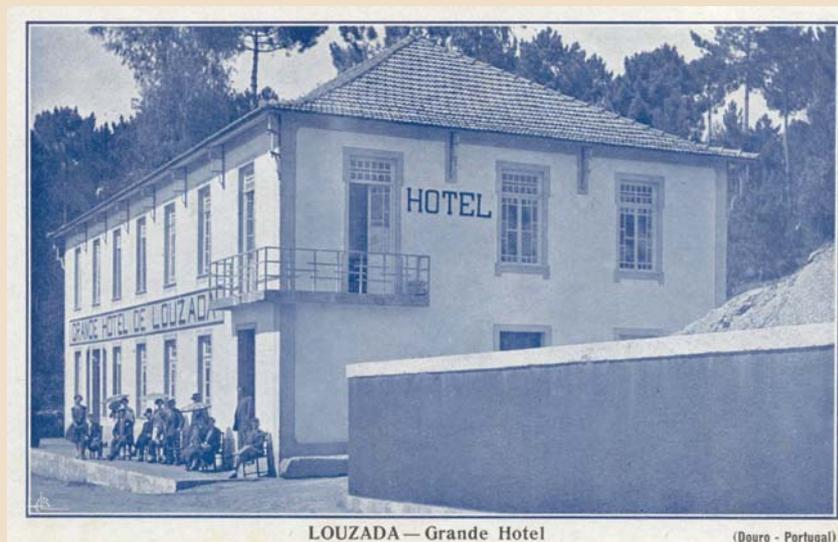


¹ Técnico Superior de Ciências Históricas. CML. cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

² Arqueólogo. CML. Luis.Sousa@cm-lousada.pt

Fig. 9 - Grande Hotel de Lousada - Grande empreendimento hoteleiro, construído de raiz para o efeito, cuja abertura oficial se verificou a 17 de Agosto de 1924, embora, segundo o *Jornal de Lousada*, já se encontrasse em funcionamento desde Agosto do ano de 1923. O edifício ainda hoje existe, à margem da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, junto aos muros da Quinta de Vila Meã. O projecto contemplava mais uma fase de construção, que nunca foi iniciada. Ainda assim, o Grande Hotel de Lousada possuía 22 quartos, salão de baile e sala de jantar, tudo "amplo e arejado" como se mencionava no mesmo jornal, fazendo jus à fama de estância turística que Lousada granjeava na época. O seu proprietário e gerente era João Rosário, também dono do Antigo Hotel

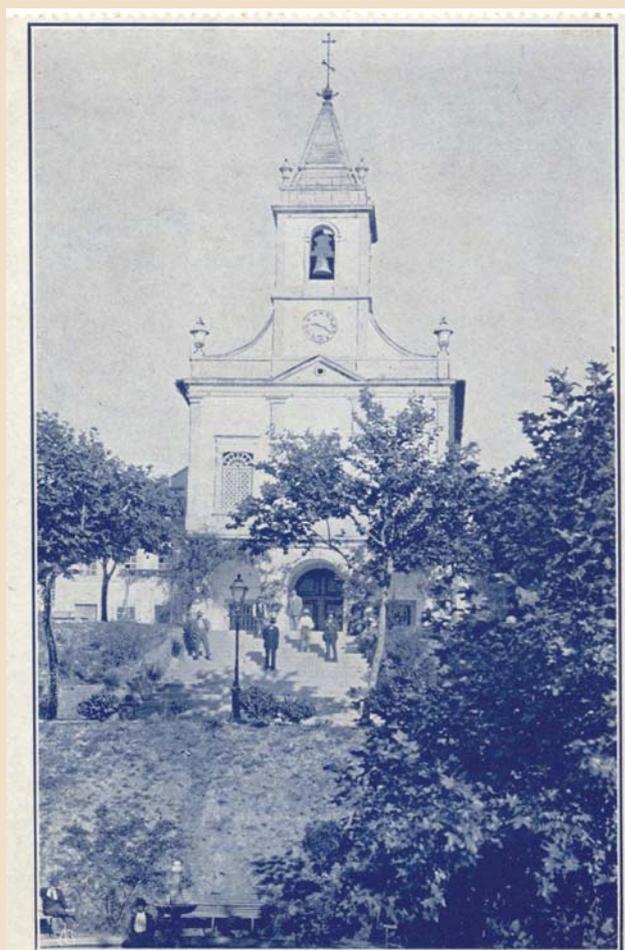
Aleixo (que pouco depois mudaria de gerência passando a designar-se Hotel Avenida). Lousada no final da I República aliava a pureza e benignidade dos ares de altitude à oferta hoteleira: Hotel do Comércio de Joaquim José Alves, Hotel Avenida de Manuel Fernandes e o Grande Hotel de Lousada.



LOUZADA — Grande Hotel

(Douro - Portugal)

Fig. 10 - Capela do Senhor dos Aflitos - Em 1857, um grupo de cidadãos lousadenses encetou esforços no sentido de munir a recém-criada Vila de Lousada de um templo religioso condizente com o novo estatuto da povoação e capaz de responder ao crescimento urbano e demográfico que se verificava na época. Nesse mesmo ano de 1857 iniciaram-se as obras, num pequeno outeiro, singularmente chamado de Monte das Pedrinhas, onde já existia uma capela em madeira com a invocação do Senhor dos Aflitos. A construção ficou a cargo do mestre-de-obras Joaquim Oliveira Portela, das Caldas de Vizela, que aceitou a obra pela quantia de 3 contos de reis. As obras prolongaram-se por muitos anos, principalmente devido à falta de verbas. Só em 1892, passados 35 anos após o seu arranque, se deram por terminadas por um termo de recordação registado pelo padre António Ventura Pereira. A Capela do Senhor dos Aflitos constitui um dos símbolos principais de Lousada. A implantação em promontório, no canhão visual da Rua do Visconde de Alentém, porta principal da vila, garante-lhe essa primazia.



LOUZADA — Capela Nosso Senhor dos Aflitos

Fig. 11 - Jardim do Senhor dos Aflitos

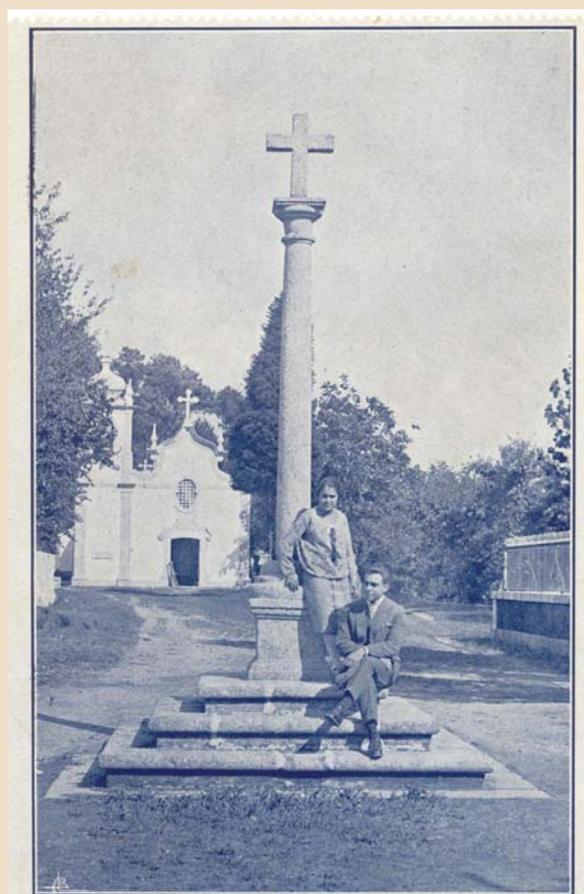
- Antes da existência da capela, a pequena elevação era usada para pasto do gado, encontrando-se dividida por diversas quintas das redondezas. A construção do templo do Senhor dos Aflitos acabará por estar na origem do ajardinamento do monte envolvente. No final do ano de 1888 foi realizado um levantamento topográfico da área, projectando-se acessos e caminhos, designadamente as duas rampas convergentes e os caminhos laterais, que terão sido executados ainda durante o século XIX. No entanto, foi na década de 10 do século seguinte que se desencadearam as obras principais de embelezamento. Em Janeiro de 1912 chegam a Lousada dois técnicos encarregados pela Câmara de elaborar a planta e orçamento do ajardinamento. Ao longo do ano de 1914 ainda prosseguem os trabalhos, especificamente no lado norte, acompanhados pelo vereador José Heitor Lopes. Mas em 1920 sabe-se que esteve em Lousada o "horticultor Loureiro" para elaborar uma proposta de arranjo. A concepção e desenho do jardim apontam uma cronologia de princípios do século XX. O cimento foi a matéria-prima mais utilizada nesta composição, que contemplou uma ponte sobre o lago, muros, recantos e canteiros artificiais. Na época o cimento constituía a grande novidade. A sua plasticidade era muito valorizada e aplicada no desenvolvimento de composições eruditas que pretendiam imitar a natureza.



LOUZADA — Aspecto do Jardim Publico

(Douro - Portugal)

Fig. 12 - Cruzeiro e Igreja de Cristelos - A igreja de Cristelos foi alvo de uma profunda reforma no ano de 1790, cuja memória ficou assinalada por uma inscrição existente no seu arco cruzeiro. Esta transformação terá alterado completamente a feição arquitectónica da igreja, conferindo-lhe uma linguagem característica dos ditames do barroco final ou rococó. Essa exploração da gramática tardo-barroca impõe-se especialmente ao nível da fachada, no trabalho curvilíneo do frontão e do emolduramento do portal, e ao nível da cúpula que remata a torre sineira. Contudo, podemos remontar a existência de uma igreja primitiva, provavelmente implantada no mesmo local, desde o ano de 980, conforme identificou documentalmente Eduardo Teixeira Lopes. Ao longo dos primeiros séculos do segundo milénio são vários os documentos que nos reiteram a existência desta igreja. Em 1059 é mencionada no inventário de bens do Mosteiro de Guimaraães e em 1104 voltamos a identificar a *ecclesia de Sancti Andreae de Castelllos* numa carta de agnição. O cruzeiro em frente está datado de 1660, o que o torna um dos mais antigos do concelho.



LOUZADA — Cruzeiro e Igreja de Cristelos

Fig. 13 - Fonte Taurina - Constituída por tanque e fontenário, a Fonte Taurina servia duas funções primordiais ao quotidiano doméstico dos inícios do século XX: o abastecimento de água potável e a lavagem da roupa. A criação e manutenção de uma rede regular de pontos de fornecimento livre de água potável era uma das principais atribuições dos municípios e dos seus executivos. Em Lousada havia muitas fontes e tanques públicos, que foram progressivamente destruídos ou abandonados, por determinação do "progresso". Raramente entendidos como elementos patrimoniais, terminada a sua validade funcional, acabam votados à incúria. Provida de uma bica, a Fonte Taurina é rematada por uma pedra trabalhada com a forma de um nicho, no qual terá estado uma imagem, talvez de um santo. Também possui uma inscrição onde se lê *nihil ibi onibus idem*, que, na opinião do latinista Adolfo Teles, quer dizer *nada para si*, ou seja, a fonte oferece generosamente a água, sem reservar nada para si.



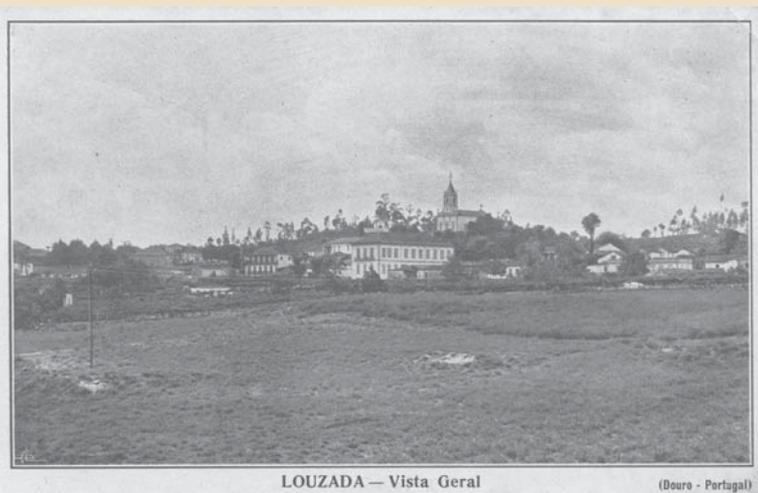
LOUZADA — Lavadouro e fonte Taurina (Douro - Portugal)



LOUZADA — Largo da Feira (Douro - Portugal)

Fig. 14 - Largo da Feira - A feira de Lousada realizou-se, até à década de 40 do século XX, num amplo terreiro formado por duas praças. No período da Monarquia Constitucional designavam-se Praça D. Fernando e Praça D. Luís. Com a República, esta última passou a denominar-se Praça Rodrigues de Freitas, actualmente Praça D. António Meireles. A primeira adoptou a designação de Praça da República que ainda hoje mantém. O postal aqui apresentado mostra apenas uma parte da actual Praça D. António Meireles e a quase totalidade da praça contígua. Do lado esquerdo, na direcção do homem de chapéu, era o antigo Hotel Comercial, mais tarde chamado Hotel Central, propriedade de Joaquim José Alves. Ao fundo vê-se a bonita moradia dos "Aires Pereira", onde nos anos 70 se instalou a primeira agência bancária de Lousada, o Banco Pinto & Sotto Mayor.

Fig. 15 - Vista Geral - Esta fotografia, de perspectiva, geral foi tirada de uma zona próxima da Adegas Cooperativas. Pode-se apreciar uma extensão considerável da Rua de Santo António, desde a antiga Casa Adrião, a nascente, até à intercepção com a Rua Visconde de Alentém. Num primeiro plano os Paços do Concelho, condignamente implantados, sem a obstrução de outros edifícios. Ligeiramente à esquerda, a casa de José da Costa Sampaio, e logo acima, o edifício do Tribunal. Dominando a paisagem pela monumentalidade, a capela do Senhor dos Aflitos. Ao lado, rebocada e caiada de branco, a capela de Nossa Senhora do Loreto, dominando pela implantação topográfica, bem no cume do Monte de Laboreiros. A enorme extensão de campo aberto que se observa virá a dar lugar ao novo Campo da Feira, nos finais da década de 30, e a um conjunto de novos arruamentos rasgados sensivelmente na mesma época: Rua Dr. Afonso Quintela, Rua São João de Deus e Avenida Gen. Humberto Delgado. Também é possível observar um poste de electricidade e respectivos cabos, facto que indica que já tinha sido estabelecida a luz eléctrica em Lousada, cuja instalação começou em 1929.



LOUZADA — Vista Geral (Douro - Portugal)